Thomas Ewbank: visão de hospitalidade de um turista republicano no Brasil Império

João dos Santos Filho*

Resumo

O presente trabalho faz parte de uma linha de pesquisa, que propõe estudar a hospitalidade e o turismo durante o Brasil Império, para tanto, fizemos uma análise do livro de Thomas Ewbank publicado em 1856. A vida no Brasil ou um Diário de visita à terra do cacaueiro e da palmeira, que só foi publicado no Brasil em 1973. Com isso, buscamos ajudar no resgate de uma historiografia nacional, destacando que Ewbank foi o primeiro a comentar sobre o turismo e o turista. Abordando sobre as visitas aos pontos turísticos do Rio de janeiro e sua infra-estrutura no campo da hospitalidade, bem como, a segurança pública.

Palavras – chave: Turismo. Hospitalidade. Turista no Brasil Império.

* **JOÃO DOS SANTOS FILHO** é Bacharel em Turismo, pelo Centro Universitário Ibero-Americano de São Paulo (Unibero) e Bacharel em Ciências Sociais, pela PUC/SP. Mestre em Educação: História e Filosofia da Educação, pela PUC/SP. Professor convidado na Faculdad de Filosofia e Letras da Universidad Nacional de Heredia (UNA), em San José da Costa Rica. **Professor concursado pela Universidade Estadual de Maringá.** Autor do livro "Ontologia do turismo: estudo de suas causas primeiras," EDUSC, Universidade de Caxias do Sul. E-mail: joaofilho@onda.com.br

Escritor, inventor, etnólogo, cientista e desenhista Thomas Ewbank inglês radicado nos Estados Unidos, desembarca no Rio de Janeiro em primeiro de fevereiro de 1846. Com seus 54 anos de idade, para visitar seu irmão mais velho Joseph Ewbank protestante, natural de Castel Barnard, Durham, Inglaterra, casado com a brasileira Eufrasia Marques Lisboa e residindo na Rua do Catete próximo ao Largo do Machado. Fundador em 17 de fevereiro de 1833 da primeira Loja maçônica brasileira que trabalha no Rito inglês a Orphan Lodge, criada no Rio de Janeiro.

Thomas Ewbank[1] relata com os olhos de um turista, que no dia primeiro de fevereiro de 1846 ao chegar ao Brasil, ingressando pela Baía da Guanabara, foi obrigado segundo as autoridades sanitárias brasileiras a fazer uma parada próxima à ilha de Villegaignon para os tramites alfandegários de praxe. Segundo ele "Os regulamentos do porto exigem, porém, que ancoremos perto da pequena ilha e forte de Villegaignon, de onde uma barca coberta trouxe para o navio o médico do porto" (EWBANK, 1976, p. 48).

Depois de esperar do meio-dia ate às quatro horas da tarde em pleno sol forte, aproveitou esse tempo para estudar os mapas da cidade do Rio de Janeiro e localizar a casa do irmão. Recebeu autorização para desembarcar e dirigiu-se. "Com o mapa na mão reconheço imediatamente o lugar como sendo a Baía de Botafogo e as casas brancas ao longo da praia como a Vila de Botafogo" (EWBANK, 1976, p. 51). Chega a Rua do Catete. "Após caminhar quase um quilômetro entre montes que muitas vezes tocavam os fundos das casas, perguntei a um jovem pela Rua do Catete. Encontrava-me nela" (EWBANK, 1976, p. 52).

Caminhando mais algum tempo, indaga a pessoas na rua sobre a residência de Joseph Ewbank, quando de maneira surpreendente, recebe uma afirmação positiva de seus interlocutores que aquela é a residência a qual estava procurando. "Sim senhor" foi a resposta. Soou uma campainha de mesa e um ágil negro abriu a pesada porta. Entrei e fui convidado a sentar-me com o grupo de pessoas que havia saudado pouco antes: uma senhora muito bonita, três graciosas moças e seu irmão. Eram uma mãe brasileira e seus rebentos" (EWBANK, 1976, p.52 e 53). Quando aparece o senhor da casa que após um breve dialogo, Thomas Ewbank comenta, que necessitava alugar acomodações por uma breve temporada no Brasil, logo em seguida se reconhecem e comprimentam de forma emocionada.

Thomas Ewbank vive durante seis meses em território nacional na casa de seu irmão e inicia uma frenética produção literária sobre o Brasil, publicada em forma de artigos em revistas no ano de 1850 nos Estados Unidos e na Inglaterra. E em 1856 esses artigos são reunidos em um livro que é objeto de nosso estudo, intitulado *Life in Brazil or a journal of a visit to the Lang of de cocoa and the palm (Vida no Brasil ou um Diário de visita à terra do cacaueiro e da Palmeira)* que só foi publicado no Brasil em 1973.

No início do primeiro capítulo do livro o autor faz um discurso centrado na

[1] Thomas Ewbank em sua chegada ao Brasil comenta que: "A baía, triangular em seus contornos, é considerada como uma das mais seguras e mais lindas que a presente disposição das águas no globo terrestre formou. É uma bacia com cerca de uma centena de milhas de circunferência, cavada em granito e cercada por montanhas cujas encostas e cumes mostram-se revestidos de perpétua verdura" (EWBANK, 1976, p.51).

lógica da economia do livre mercado e abertamente uma crítica contra os sistemas monárquicos e a religião colocando indiretamente os Estados Unidos como patamar do pólo mais desenvolvido, e com um sistema econômico ideal e moderno para humanidade. Acaba se referindo ao turista e ao turismo de forma pontual, que pode ser considerado como um dos primeiros escritores a se preocupar com esse fenômeno, afirmando:

> Viagens livres e comércio livre ainda não existem. Os costumes bárbaros que, no Velho Mundo, impedem o homem de percorrer a terra e comunicar-se à vontade com seus semelhantes prevalecem também na América do Sul. Os turistas não podem descer nas praias do Brasil ou deixá-las, se não possuírem passaportes. Tive, pois, que dirigir-me ao cônsul brasileiro e obter, mediante pagamento, uma espécie de fatura, ou seja, informações escritas a meu respeito (EWBANK, 1976, p. 21).

Thomas Ewbank respira os princípios da sociedade norte-americana e processa indiretamente a defesa da religião protestante afirmando "Creio que o catolicismo, tal como existe no Brasil e, em geral, na América do Sul, representa uma barreira ao progresso, e outros obstáculos a ele comparados parecem pequenos" (EWBANK, 1976, p. 19). Segundo seu entendimento a racionalidade baseada nos costumes de bárbaros localizada no Velho Mundo, ocorre também, na América do Sul, no que se refere à circulação de mercadoria e o transito livre dos homens pelo planeta. Obviamente que seu patamar esta baseada no princípio de mercado e iniciativa privada e que sua vinda ao Brasil foi como turista guiado pelo interesse que o Brasil exercia para o mundo.

As opiniões de Ewbank estão carregadas de preconceitos a respeito do mundo tropical encarando os brasileiros em alguns casos como raça inferior, cuja uma das causas é o determinismo geográfico e uma religiosidade atrasada e mística que acaba retardando um pensamento "sadio". "A temperatura é opressiva e no entanto desde que desembarquei o termômetro tem variado de 26 a 29 graus[...]. Aqui, a noite não traz alívio algum aos pulmões e vísceras cozidos. Não é, portanto, a alta temperatura que causa perturbações, mas sim sua invariabilidade" (EWBANK, 1976, p. 66).

Continuando explanar seu pensamento preconceituoso afirma:

> Esta uniformidade do calor tropical pode ser propícia à saúde e permitir a vida até elevada idade, mas creio que também provocas certa lentidão intelectual. Existe uma relação evidente entre a meteorologia e o cérebro; os espíritos enérgicos medram melhor onde se alternam o calor e o frio, as calmarias e as tempestades. Sinto uma crescente tendência à ociosidade, tanto mental quanto física, e posso compreender facilmente por que as pessoas que visitam os trópicos se cansam da verdura invariável e anseiam pela neve e o gelo, assim como pela renovadora influência da primavera setentrional" (EWBANK, 1976, p. 66 e 67).

Apesar de suas posições preconceituosas o autor revela detalhes da infra-estrutura voltada ao atendimento ao visitante, colocando-se muitas vezes como turista crítico para com as deficiências existente no campo da hospitalidade e do turismo.

Observações quanto á infra-estrutura

O autor faz uma descrição exaustiva dos meios de transporte urbano, em primeiro lugar dos cocheiros de libré

que eram aqueles criados ou escravos que usavam um tipo de uniforme ou fardamento imposto pelos senhores ligados a nobreza e suas casas senhoriais. Enfeitados de galões, distintivos e um tipo de cartola combinados com cores fortes ou escuras para que escravos pudessem ser percebidos quanto ao poder econômico de seus proprietários.

A corte impõe um novo estilo de vida para as pessoas que passaram a utilizar os veículos de rodas puxados por animais, veículo preferido para ocasiões especiais em que os padrões de sociabilidade alcançam o dia a dia das pessoas como festas de casamento, bailes na corte, para namorar ou para percorrer distâncias maiores. Essas cadeirinhas, carregadas por escravos, variavam de modelo conforme as posses d e cada proprietário desde os mais ricos que possuiam modelos luxuosos, com janelas acortinadas e paredes ornamentadas com desenho com fios de ouro e prata.

Escravos vestidos de libré, carregadores de cadeirinhas

Escravos vestidos de libré, e escravas de companhia indica donos de alta posse

> As cocheiras de libré são aqui o que seu nome indica. Os proprietários fornecem equipagens de viagem, simples ou pomposas, com criados em vários estilos de libré. Precisando entregar cartas, chamaram um carro e alguns minutos depois parti em uma carruagem aberta, grande, bem construída e cômuda (Ewbank, 1976, p. 56).

Esses escravos de libré eram os condutores de carroças e cadeirinhas para seus donos ou trabalhavam em empresas que alugavam esses meios de transporte para quem necessitasse.

> Quando uma senhora quer visitar a parte comercial da cidade, manda chamar uma carruagem ou uma cadeirinha. Todas são construídas de acordo com o mesmo padrão e diferem apenas nos ornamentos. [...] Entrei em uma delas para examinar sua construção. [...] Sobre uma tábua elíptica, de 75 centímetros por 50, é fixada uma cadeira de encosto alto, sendo que seus braços se estendem até um círculo ao alto com as mesmas formas e dimensões da base por pequenas varas de aço (Ewbank, 1976, p. 77e78).

A cadeirinha se constitui em um dos poucos meios de transporte capaz de transitar pelas ladeiras íngremes, lamacentas e sem logradouros públicos próprios para esse transporte. Pois as ruas tinham uma "pequena largura, o perigo das rodas dos carros e carruagens, a imperfeição dos passeios e algumas vezes sua inexistência, para não dizer das indecências dos negros e das condições indecorosas dos logradouros públicos" (Ewbank, 1976, p. 77).

A cadeirinha e a carruagem era uma necessidade para as famílias com posses, pois era a forma que as mesmas possuíam para se deslocar e andar nas ruas, também se tornou comuns, usadas principalmente pelas mulheres que quando saiam eram acompanhadas de algumas escravas. Essas cadeirinhas, carregadas por escravos trajando libré que, variavam dependendo do tamanho e da posse financeira das pessoas podiam ser acortinadas e tinham paredes ornamentadas com tecidos luxuosos estampados e bordados com fios dourado eram usadas para passeios de pouca distância.

As cadeirinhas eram parte integrante da sociedade imperial e começava a ser incorporada ao cotidiano da vida como um instrumento de ostentação social e econômica como pode perceber, num comentário do autor, quando afirma:

> As vezes a cadeirinha sai à rua sem seu proprietário. Vi uma delas, de cor azul, quase toda coberta de bordados dourados. Uma larga faixa de couro de Córdova envolvia o topo da cadeirinha em cuja frente e retaguarda salientavam-se duas elegantes pontas ou remates; sobre o teto convexo erguia-se uma águia prateada ou prateado-dourado. As cortinas estavam puxadas para um, lado, mostrando o interior da cadeirinha e sobre ela um enorme ramalhete, presente enviado pelo seu proprietário e que tinha seu valor aumentado pelo aparato cavalheiresco da entrega (Ewbank, 1976, p. 78).

Todas as famílias, mesmo as de pequenas posses, tinham a sua cadeirinha, a qual era guardada suspensa por meio de roldanas no teto da casa. Escravos eram selecionados, aqueles com porte atlético e vendidos em pares e se especializam em andar leve, mas firme, como carregadores disputados no mercado de escravos. A cadeirinha já era uma necessidade no cotidiano das famílias, pois casamento, batizado, enterro, passeios e o próprio

namoro utilizavam desse meio de transporte, portanto uma unanimidade nacional.

O importante é que Ewbank detalha o meio de transporte com os olhos de turista, carregado com todo seu etnocentrismo dos parâmetros da sociedade norte-americana, sempre se colocando como fora dessa sociedade em que viveu seis meses. A expansão dos meios de transporte é um elemento indicador que nos leva a entender o desenvolvimento dos meios de hospedagem, ou seja, há uma relação direta entre transporte e hotelaria que permite entender os padrões de sociabilidade dentro da descrição da hospitalidade. Nesse sentido, podemos recorrer a um dos poucos materiais existentes de propaganda sobre hotelaria datado de 1828, que demonstra ser o Rio de Janeiro um pólo turístico, pois havia excursões e piqueniques organizados pelos hotéis na cidade.

Ancien Hôtel Jourdain

A. BOCAGE, PROPRIÉTAIRE

TIJUCA

A UNE HEURE ET DEMIE DE RIO DE JANEIRO

Maison Française, fondée en 1828

Cet établissement, qui, à juste titre, jouit d'une réputation universelle, vient d'être complétement réédifié et est de nouveau dirigé par son propriétaire A. Bocage.
Situé au milieu des montagnes à environ 400 mètres au-dessus du niveau de la mer, il offre non seulement un séjour agréable, mais des plus hygiéniques.
Bains de natation et de cascade. Chevaux à toute heure pour excursions. Service Spécial pour l'hôtel tous les jours depuis 5 heures du matin du Largo de S. Francisco de Paula (station des tramways jusqu'à la porte de l'hôtel. Table d'hôte : déjeuner de 9 heures 1/2 à 10; dîner de 5 heures 1/2 à 6 1/2.

PRIX

Table d'hôte,	Déjeuner...	1$500 ou environ		6 fr. 25
» »	Dîner.....	3$000	»	7 fr. 50
» »	Déjeuner. / Dîner....	5$000	»	12 fr. 50
	Coucher...	2$000	»	5 fr. 00

Pension au mois de 150$0000, selon l'importance de l'appartement.

EXCURSIONS A FAIRE AUX ENVIRONS DE L'HOTEL

Boa-Vista, Vista Chineza, Vista dos Reis, Excelsior, Floresta Imperial, Pic-de-la-Tijuca, Pic du Papagaio, Petite et Grande Cascade, Pedra Bonita, Barre de la Tijuca, les Grottes, etc.

Guide Internacional D´Europe au Brésil & a La Plata

Comercio no Rio de Janeiro

Ewbank relata com certa curiosidade o ir e vir dos escravos nas ruas com seus cânticos. "Era um grupo de vinte negros, cada um deles tendo sobre a cabeça, um ou mais artigos de mobiliário doméstico – cadeira, mesas, armações de cama, colchões, panelas, caçarolas, candelabros, jarros de água e louças" (Ewbank, 1976, p. 78). Que realizavam uma mudança de residência de seus donos, os escravos eram usados também, para vender de tudo, num país em que a mão de obra escrava predominava.

A riqueza de diversidade de mercadorias que podiam ser encontradas nas ruas é algo que surpreende o olhar do turista Ewbank que não se cansa de observar como os escravos de ambos os sexos são ligeiros e vendedores de "Vegetais, flores,

frutos, raízes comestíveis, ovos e todos os produtos rurais: bolos, pastéis roscas, doces e guloseimas, "toucinho celeste". E a variedade de produtos se multiplicam " serviços de mesa com novos jogos de facas, copos, garrafas de mesa, pratos, talvez um galheteiro e alguns artigos de prata [...] vendedores de cutelaria, cristais, porcelanas e prata"(EWBANK,1976, p.79).

Havia a venda de jóias e seda, que pelo valor e segurança do produto requeriam o acompanhamento do seu senhor, o único autorizado no manuseio da mercadoria, bem como o manuseio do pão , no qual o escravo era proibido em tocá-lo, e uma relação de livros e manuais vendidos no qual o autor faz o seguinte comentário:

> Os proprietários acompanhavam os artigos de prata e de seda, assim como o pão, pois neste os negros não têm permissão de tocar. Quando um freguês chama, o escravo traz sua carga, desce-a e permanece a seu lado até que o proprietário entregue os artigos desejados.
>
> [...]
>
> Sapatos, gorros enfeitados, belas jóias, livros para crianças, novelas para as jovens e obras de devoção para os beatos, *Arte de dançar, para os desajeitados, Escola de bem vestir para as jovens, Manual de Polidez para os rústicos, Oráculos das jovens, Linguagem das flores, Relíquias de Santos* e um *Sermão em honra de Baco – essas e milhares de outras coisas são vendidas durante todo o dia (*EWBANK,1976, p.79).

A sofisticação do comércio ambulante feito por escravos em alguns casos suplantava em quantidade e variedade de mercadorias existentes na Rua do Ouvidor que concentrava as lojas dos grandes modistas francesas, como assim descreve o naturalista escocês George Gardner em 1846 ao se referir ao centro comercial do Rio de Janeiro. Afirma a "Capital do Império com habitantes vindos de quase todas as nações européias, o Rio é um centro muito mais diversificado do que supõem os que nunca o visitaram" (GARDNER, 1975, p. 21). Percebemos que a data coincide com a chegada de Ewbank ao Rio, que descreve a riqueza do comércio feita pela mão de obra escrava, quase como um mercado informal.

> A rua do Ouvidor é uma das mais belas da cidade, não por ser a mais larga, mais limpa ou a mais bem pavimentada que as outras, mas porque suas lojas são príncipalmente ocupadas por modistas francesas, joalheiros, alfaiates, livreiros, confeiteiros, sapateiros e barbeiros. Estas lojas são montadas com elegância que surpreende o estrangeiro, sendo muitas delas providas de grandes espelhos semelhantes aos que se vêem frequentemente em todas as grandes cidades da Grã-Bretanha (GARDNER, 1975, p. 21).

Carnaval no Rio de Janeiro (DEBRET)

Observação quanto ao carnaval (entrudo)

A descrição que Ewbank faz do entrudo, mostra em alguns casos surge à violência ou situações desagradáveis que o mesmo passou logo ao chegar ao Brasil, sem entender o significado dessa manifestação e nunca ter presenciado tal festejo. Recorre ao dicionário para entender o significado da palavra que "[...] descrevia o festival como algo em que, como bacantes, as pessoas brincam, festejam-se, dançam e fazem travessuras dentro das casas, enquanto fora realizam toda espécie de brincadeiras, molhando e empoeirando umas as outras" (EWBANK. 1976, p. 82). O próprio D. Pedro II, membros da família imperial e os criados participavam no interior das paredes do palácio de São Cristovão do entrudo jogando água de cheiro entre si e farinha de mandioca.

Com o olhar de turista Ewbank descreve o entrudo no Brasil, a riqueza de produtos relacionados com essa atividade como as bolas coloridas de cera contendo água de cheiro e a farinha de amido usada para esparramar nas pessoas eram instrumentos próprios para uma guerra de bolas de entrudo. Ewbank relata o ocorrido por ele presenciado no front da "guerra" de entrudo, descreve um conhecido sendo atacado por amido na cabeça acompanhado de esguichos de líquidos de água.

> Enquanto perguntava a mim mesmo o que significaria tal coisa, senti caírem de minha testa uma ou duas partículas. Erguendo a mão verifiquei que meus cabelos também haviam sido cobertos de pó. Meus gritos provocaram gritaria geral. Levantei-me para fugir, mas isso fora previsto e a única porta através da qual podia escapar encontra-se fechada à chave. Cercado agora por um exército de inimigos femininos, esquivei-me e corri até me sentir quase exausto, tentando fugir aos incessantes

> ataques de amido e água (EWBANK, 1976, p.81).

O entrudo desde a sua existência no Brasil no começo do século XIX, apesar do apoio popular e das classes aristocratas, sempre fora marcado como uma atividade fora da lei e se explicitava como a principal atividade carnavalesca. Sendo que o entrudo possuía a característica de fazer brincadeiras de molhar e derramar amido em amigos e com as pessoas em geral, bem como, o principio da zombaria e a supressa era o ponto chave dessas festividades, como podemos perceber, quando Ewbank relata:

> Ao se levantar, meu amigo R. encontrou as extremidades inferiores de suas calças costuradas. Não é anormal colocar meia dúzia de bolas em cada perna, mas como R. encontra-se bastante indisposto, foram-lhe poupadas essas singulares manifestações de afeição e banhos de pé. Por ocasião dos cumprimentos habituais, esmagaram-se uma ou duas bolas na mão. Alguém encontrou seu café da manhã sem açúcar, outro achou o seu com sal, e um terceiro começou a tirar fios da boca, o que causou novas explosões de riso; nos dois pratos de torradas todos os pedaços haviam sido envoltos em fios, de tal forma que os dentes de quem comesse fatalmente ficariam presos àquela rede de fios (EWBANK, 1976, p. 82).

Ewbank relata que o entrudo se constitui em uma galhofa em que a mentira não é pecado, na e pela tolice organizam-se atos de brincadeira entre as pessoas. A supressa e o inesperado inspiram ações de zombaria, cujo objetivo é divertir-se diante do comportamento do outro, contrariando todas as regras dadas pelos códigos de conduta aceitos pelo grupo social, a ordem é transgredir para divertir-se.

Visita aos principais pontos turísticos do Rio de Janeiro

Thomas Ewbank descreve a visita feita ao mosteiro de São Bento que era permitida somente aos homens das 9:00 as 12:00, famoso por sua biblioteca e distribuição de alimentos aos pobres. Tece uma crítica violenta a estrutura econômica da igreja acusando-os de domesticarem a mão de obra escrava para serem distribuídos (vendidos) como força de trabalho barata junto às propriedades rurais:

> Esse mosteiro é considerado aqui como um dos mais ricos do mundo. Além de possuir a maior parte de algumas ruas e outras ruas inteiras, onde as lojas rendem os melhores aluguéis, os padres têm também propriedades em cada uma das 18 divisões do Império. Suas principais terras ficam nas províncias do Rio, Bahia e Pernambuco. Em algumas plantações chegam a empregar 1.000 escravos. Na Ilha do Governador, a maior ilha da baía do Rio, possuem um grande estabelecimento agrícola, dirigido regularmente por certo número de frades. Numerosas gerações de rapazes e moças de cor são lá criadas até terem idade suficiente para serem enviadas ao trabalho nas propriedades do interior (EWBANK, 1976, p 102).

Visita o palácio de campo de São Cristovão, no qual não perde a oportunidade de também fazer críticas ao imperador e sua prática aristocrática, afirmando:

> A sala do trono era grande e escura, precisando ser iluminada por candelabros. Os brasileiros são apegados às solenes tolices das cerimônias das cortes de Portugal e outros países da Europa que dificilmente se pode testemunhar

> sem sentir desprezo pelos seus atores (EWBANK, 1976, p.102).

Em visita ao Jardim Botânico, destaca a coleção de plantas estrangeiras e brasileiras e a beleza de suas palmeiras, coqueiros, plantação de chá, mangueiras e bambueiro, bem como, a urbanização paisagística, destacando suas fontes e espelhos de água. Para fazer esse passeio Ewbank comenta que:

> Localizado a dez quilômetros da cidade, é um lugar agradável para se passar um feriado e tudo foi arranjado para que passássemos lá o dia de hoje. J. alugou uma gôndola – não uma barca veneziana,mas um ônibus brasileiro – no qual nove de nós rodamos através do Botafogo e finalmente chegamos a um belo lago de mais de três quilômetros e ligado ao oceano, por cujas margens dá a frente do Jardim (EWBANK, 1976, p. 132).

Essa visita incluía um jantar que foi servido em um hotel, com todo o requinte gastronômico que surpreendeu Ewbank pela variedade de alimentos e pelo baixo custo dos serviços. Na verdade era uma das muitas excursões existentes para servir aos turistas que visitavam o Rio de Janeiro.

Conclusão

Não foi fácil delimitar a descrição do livro de Thomas Ewbank aos aspectos relacionados à hospitalidade e ao turismo, devido à riqueza de detalhes das informações contidas em sua obra sobre a cultura brasileira. Tornando seu escrito em um valioso compêndio etnográfico e importante estudo para a sociologia descritiva. Por ser um escritor que aqui permaneceu apenas seis meses e que descreve o Rio de Janeiro em parte com olhar de turista que podem ser entendida deixando relatos etnográficos de importância ímpar para a antropologia brasileira e para a historiografia do fenômeno turístico.

Ewbank foi o primeiro escritor que usou o olhar de turista para narrar à história brasileira, apesar de seus preconceitos de cunho racial e ideológico, consegue perceber que o turismo é um fenômeno global, quando afirma. “Classes sociais e massas até então inertes começam a mover-se e agitar-se, impulsionadas por influências latentes. Como meio de locomoção, as pernas estão se tornando obsoletas e a tendência ao vôo manifesta-se por toda a parte” (EWBANK, 1976, p. 17).

Além de comentar as atrocidades sofridas pelos escravos, Ewbank, faz uma denuncia sobre a insegurança no cotidiano do Rio de Janeiro, retratando a violência sofrida por uma pessoa próxima a família real. Tudo indica que já em 1846 existiam bandos com alto requinte de organização para a prática do roubo, que aprofundava ainda mais os preconceitos sobre o negro.

> A polícia do Rio é militar. Os homens, alistados por alguns anos, são treinados e comandados por oficiais do exército. São quase todos mulatos. São considerados eficientes e tanto quanto eles os ladrões. Uma velha rica de Botafogo era visitada freqüentemente pelo velho Rei com sua família. Uma noite, apareceu em sua casa grande número de carruagens servidas por empregados em libré real. A turma entrou, amordaçou a senhora e seus empregados, varejou a casa e partiu. Dois deles, em libré, ficaram à porta o tempo todo, como se esperando os seus senhores (EWBANK, 1976, p. 322).

O livro de Ewbank é importante para a construção de uma historiografia nacional sobre a episteme do turismo, pois abre novos campos para a pesquisa

no campo da hospitalidade e do turismo. E se configura como um material rico para compreender a cultura brasileira na sua interface com as atividades ligadas ao entretenimento.

Referências

EWBANK, Thomas. **Vida no Brasil**, ou Diário de uma visita à terra do cacaueiro e das palmeiras. Com um Apêndice, contendo ilustrações das artes sul-americanas antigas. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1976.

GARDNER, George. **Viagens ao interior do Brasil:** principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1975.

Guide Internacional D´Europe au Brésil & a La Plata contenant les Renseignement les plus utiles pour les voyageurs orne de vues, cartes et plans. Publié par A. Loiseau-Bourcier – Paris, rue de Lancry, 47 - Janvier 1889.